

RAFAEL JOSÉ DE MENEZES BASTOS: PARA UMA ANTROPOLOGIA HISTÓRICA DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA

DEIVID MENDONÇA CARDOSO¹; LARISSA OSTERBERG DA CRUZ²;
FLÁVIA MARIA SILVA RIETH³

¹Universidade Federal de Pelotas – Contato.deivid07@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – larissa.cruzosterberg@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – riethuf@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho foi desenvolvido na disciplina de Antropologia V, no curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), sobre a institucionalização da Antropologia no Brasil. O estudo tem como base a análise do artigo “Para uma antropologia histórica da música popular brasileira”, escrito pelo antropólogo Rafael José de Menezes, que traça uma narrativa histórico-antropológica da música popular brasileira, evidenciando suas relações políticas e diversidade cultural.

A percepção visual por séculos prevaleceu sobre a sensação de ouvir, colocando a música muitas vezes como irrelevante, ou de certa maneira, dificultando uma percepção mais aprofundada dos sons. A etnomusicologia pode ser entendida como de natureza híbrida, ou seja, seus conteúdos estão relacionados à Musicologia e seus métodos de pesquisa à Antropologia. Neste sentido, podem encontrar tanto antropólogos quanto musicólogos trabalhando nesta área de pesquisa, entretanto, a Etnomusicologia Brasileira, embora tenha tido um elevado crescimento nos últimos anos, seu campo de estudos ainda é pouco conhecido no Brasil.

2. METODOLOGIA

Para elaboração do trabalho, buscou-se levantamento das obras de José Menezes, etnomusicólogo brasileiro, visando assim, cumprir com a proposta metodológica exigida na disciplina de Antropologia V, de eleger um autor ou autora, dentro do campo da Antropologia Social no Brasil, indicando sua inovação e contribuição para a constituição da área.

A escolha do antropólogo Rafael José de Menezes, para elaboração deste trabalho, relaciona-se diretamente com duas áreas de nosso interesse, de um lado a Musicologia e de outro a Antropologia. Menezes em sua formação acadêmica articula essas duas áreas do conhecimento, posicionando-se de forma pioneira para a formação da área de etnomusicologia no Brasil.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Rafael José Menezes possui bacharelado em Música pela Universidade de Brasília (1968), mestrado em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (1976) e doutorado em Ciência Social (Antropologia Social) pela Universidade de São Paulo (1990). Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Etnologia e Etnomusicologia Indígenas, atuando principalmente nos seguintes temas: música nas terras baixas da América do Sul, Alto Xingu, música popular, música na América Latina e Caribe.

Segundo Menezes, a história da música popular sempre é contada por musicólogos e historiadores a partir de segmentos musicais africanos e



portugueses, deixando de lado a contribuição indígena, devido seu isolamento voluntário ou mesmo a suposição de suas incapacidades para resistir os ensinamentos jesuítas. O autor não reconhece a música popular como uma tradição específica, um padrão determinado, mas sim como “resultado de diferentes processos aculturativos” (MENEZES, pg 6, 2014), decorrente da multiplicação e transformação das músicas folclórica e erudita. A base da música nacional está limitada somente aos brancos e negros, sendo esquecidos assim os indígenas, não é comum acharmos relatos de suas músicas na música popular brasileira; embora as pesquisas sobre os impactos das músicas indígenas nas músicas brasileiras sejam iniciantes, elas nos permitem desconfiar da transparência desse universo de representações onde a contribuição ameríndia é apagada. Pode-se levantar a hipótese de que as músicas indígenas estão na base de grande parte das músicas conhecidos como “folclóricos” de vastas regiões do país. (Menezes, pg 123, 2006). As contribuições ameríndias são sutis quando comparadas com as influências Africanas na música brasileira, entretanto, podemos utilizar como exemplo o ritmo coco, muito comum nos estados do norte e nordeste brasileiro, onde os dançarinos formam uma roda, girando e batendo palmas com o acompanhamento de pífaros e percussão, embora a base rítmica esteja fortemente ligada ao batuque africano a sua disposição coreográfica coincide com a dos bailados indígenas.

Na primeira metade do século XVIII surge o que pesquisadores acreditam ser o primeiro gênero de música popular no Brasil, gênero esse que surge da população africana, seu nome era fofa, este gênero musical foi visto como vulgar pelas elites e diabólico pela igreja. Entretanto, foi exportado para Portugal, onde torna-se gênero musical nacional.

Menezes observa os acontecimentos históricos do século XVIII onde a colônia aos poucos constrói seu caminho musical à medida que as vilas se desenvolvem. A partir desse período o centro político-econômico da colônia se desloca para o sul e com isso grandes contingentes de imigrantes também influenciaram nas mudanças ocorridas na música popular brasileira. Neste mesmo período da história, o autor relata o surgimento das primeiras documentações concretas da existência da modinha e do lundu, mas diversos debates surgiram a respeito das origens da fofa e do lundu, apontando influências europeias e colocando essas transformações em uma perspectiva que insiste em ver o Brasil e Portugal como formação social contínua. O lundu-canção têm grandes influências do lundu-dança que veio do batuque africano, trazendo a base rítmica. É possível concluir que a modinha (e o lundu) constitui um dos primeiros casos de globalização da canção na moderna música popular ocidental (MENEZES, 2014. pg.9), muitas delas usam padrões que se tornam comuns mais tarde em muitos sambas pois as modinhas são duetos em terças ou sextas paralelas e compasso binário, com uma construção silábica e onipresente uso de ritmo sincopado.

O samba era empregado em várias partes da América Latina, no Brasil era usado para distinguir práticas rurais de música e dança afro-brasileira do lundu, a primeira forma de samba é considerada herdeira imediata do maxixe que emergiu de cidades onde a população incluía muitos migrantes. Os gêneros que formaram a base da música popular não eram fechados, mas sim inter-relacionados em termos tanto de sentido quanto de estilo.

O rádio, no final da década de 1920 passou a tocar músicas produzidas fora do país, influenciando assim, fortemente, na música popular brasileira. Outro fator importante na relação entre a música produzida no Brasil e a importada foi a



produção de música impressa, dentro e fora do país; elas estavam todas bem representadas na forma de partituras.

O carnaval, não muito diferente dos tempos de hoje, acumulava um grande número de pessoas nas ruas e salões das grandes cidades do país, entretanto, havia algumas diferenças interessantes, prevalecia o cultivo de gêneros locais e regionais, também haviam formas diferentes de música carnavalesca, gerando de certa maneira tensões com o samba carioca, já que a indústria fonográfica tinha sua base no Rio de Janeiro e São Paulo. A mídia por volta dos anos de 1968 estava com poder de alcance reconhecido pelos anunciantes, a indústria fonográfica crescia intensamente, mas simultaneamente, o regime militar instituiu um sistema para o controle político-ideológico da produção cultural. A partir dos anos 1980, a indústria fonográfica seguiu a tendência de fusões, resultando na dominação do mercado por companhias transnacionais e uma grande diversidade de música (MENEZES, 2014. pg.29). Com a redemocratização do país e o grande poder do mercado fonográfico no Brasil, as vendas eram dominadas por três gêneros – música sertaneja, rock brasileiro e pagode.

Os três gêneros dominadores na indústria fonográfica brasileira estavam (e ainda estão) ligados às bases da história brasileira e, traz aspectos de sua diversidade cultural. A conturbada história política do país está refletida no Rock Brasileiro, como a vida caipira secularizada e mercantilizada está na música Sertaneja e as características do Lundo-Canção são encontradas no Pagode. O Brasil tem sido um dos poucos países do mundo onde o consumo de música produzida no país tem superado o de música provinda de fora. Assim, o autor identifica esses resultados não só pela capacidade contida na música brasileira, mas também pela inteligência de companhias transnacionais para adaptar-se a elas, criando estratégias para obter controle no intuito de alcançar o maior número possível de consumidores. Essas estratégias baseiam-se na concentração de três a quatro tipos centrais de músicas, como a exemplo “Rock, Sertanejo, Pagode” gerando mais lucros para empresas da música e como resultado impossibilitando muitos gêneros de se expandirem além de suas bases locais.

Através da história, observa que a música popular brasileira demonstrou uma extraordinária capacidade de trabalhar conjuntamente com correntes e influências de fora (Menezes, 2014, pg. 32), isso demonstra uma abrangente capacidade de transformar o estrangeiro em brasileiro. Cabe ressaltar, segundo o autor, que o caso da modinha e do lundu mostra também que a música brasileira existia antes da existência do Brasil como estado nação formal e que a Música Popular Brasileira (MPB) tem sido crescentemente reconhecida tanto por músicos quanto por estudiosos como tendo um papel constitutivo na paisagem musical do mundo.

4. CONCLUSÕES

Tendo em vista a Etnomusicologia como uma área que está se constituindo no Brasil, as pesquisas realizadas por Menezes contribuem para a ampliação do olhar dos antropólogos e musicólogos do país, fortalecendo a discussão sobre a diversidade cultural e musical brasileira. A música está presente em todas as culturas, manifestando suas relações e sentimentos através dos sons, então, apropriar-se desse método como recurso para compreensão de aspectos e dimensões presentes no objeto estudado. O método de pesquisa da antropologia é de grande valor para a Musicologia, e os conteúdos da Musicologia da mesma forma, somam para enriquecer as pesquisas antropológicas, pois



como afirma Menezes (1976) as comunicações humanas se estabelecem por meio de “muitos e diferentes canais”.

Menezes conseguiu em seus estudos pela América do Sul e através da articulação destas duas áreas do conhecimento, trazer reflexões e entendimentos que muitas vezes passam despercebidos. Musicólogos em seus estudos colocam o som como objeto principal e muitas vezes desconsideram aspectos culturais da música produzida, já por outro lado, antropólogos podem não perceber de maneira mais técnica as músicas de um determinado grupo social como relevantes manifestações culturais. Rafael José de Menezes Bastos é um grande exemplo da importância que a etnomusicologia tem no Brasil.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MENEZES BASTOS, R. J. de. **Para uma antropologia histórica da música popular brasileira**. Antropologia em Primeira Mão, v. 142, p. 5-61, 2014.

MENEZES BASTOS, R. J. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/8219997657167540>, acessado em: 12/08/2017

JACQUES, Tatyana de Alencar. Relendo "A musicológica Kamayurá" de Rafael José de Menezes Bastos: 40 anos para além de uma antropologia sem música e de uma musicologia sem homem. **GIS - Gesto, Imagem e Som - Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 1, n. 1, June 2016. ISSN 2525-3123. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/gis/article/view/116379/114074>. Acesso em: 10 oct. 2017.